



O eremita adormecido, de Vien

Vien, o regenerador da pintura em França, nasceu em Montpellier em 1716, e logo na infancia se pronunciou a sua vocação. Apenas entrado no segundo anno do estudo de desenho, fez rapidos progressos, e em seguida, depois de ter recebido algumas lições de um pintor retralista, aprendeu com um artista distincto, seu conterraneo, as primeiras noções da pintura a oleo. Pouco tempo depois partio para Paris, e seis mezes depois, foi premiado com uma medalha de incitamento. Desprovido de fortuna occupava-se em fazer alguns bosquejos para os ven-

dedores da ponte de Notre Dame. O seu zelo infatigavel não ficou sem recompensa: recebeu outra medalha, e um anno depois um premio que chamou sobre elle todas as atenções.

Já superior a seus rivaes, Vien partio para Roma a expensas do thesouro real; muito entusiasta na sua arte para ficar um momento sequer ocioso, fez durante a sua viagem um esboço da Morte dos Innocentes, e apenas chegado a Roma compoz diversos quadros, de grandes dimensões, com tal celeridade que nem por isso foi sacrificada a correccão. Admirador apaixonado do antigo, entregou-se ao que elle chamava lições de modelos vivos, e combinando com justa medida os dois generos de estudos, tornou-se o primeiro pintor de historia, da sua época.

Não o seguiremos nas suas excursões a Florença, a Napoles, a Veneza e a todas as cidades de Italia aonde havia primores de arte. Apenas de volta a Paris, foi recebido na academia de pintura e de esculptura, primeiro na qualidade de honorario, como era costume, em seguida como academico, e seis semanas depois como professor.

Vien obteve lisongeiras recompensas do seu merito: foi eleito reitor da academia de pintura e de architectura; foi encarregado de dirigir em França os alumnos protegidos pelo rei, e, em 1771, foi chamado para dirigir a escola de Roma, onde foi recebido com a maior distincção. Os assiduos cuidados que prestou no exercicio das suas funcções, e a idéa de expor, todos os annos, em Roma, em uma galeria publica, os trabalhos dos seus discipulos, tiveram a mais feliz influencia para fazer entrar a escola franceza nos verdadeiros principios da pintura. Voltando novamente a Paris, em 1781, Vien continuou os seus trabalhos os quaes foram honrosamente apreciados nas exposições publicas do Louvre.

O rei nomeou-o seu primeiro pintor, em 1788, mas bem depressa a revolução lhe fez perder os seus honorarios ficando reduzido ao producto do seu trabalho, e quando este recurso estava prestes a falhar o primeiro consul chamou-o ao senado conservador, onde, algum tempo depois, recebeu o titulo de conde e de commandante da Legião de Honra. Vien morreu em Paris a 27 de março de 1809, tendo 93 annos de idade: seis mezes antes ainda se occupava da pintura, muito particularmente de quadros graciosos. Foi do seu atelier que saíram a maior parte das pinturas que fazem o orgulho do XIX seculo.

Em resumo: as produções de Vien, sem contar os desenhos e os esboços, são uns 79 quadros, entre os quaes figura o notavel quadro do Eremita adormecido (cuja reproducção é representada na gravura) que Vien, ainda na sua mocidade, pintou em Roma.

POETAS E PROSADORES

(Continuado de pag. 140)

Um poeta verdadeira e francamente peninsular é o sr. J. Simões Dias, de Coimbra, que, n'um livro publicado ha mezes e que foi bem acolhido pelo publico, *Mundo interior*, revelou um raro brilhantismo de talento. O livro divide-se em quatro partes, *O Bandolim de D. Juan*, *A Lyra d'angus-*

tia, *Harpa eolis*, e *Poemas lyricos*; em todas se manifesta um poeta de elevadissimas qualidades, um poeta que ha de figurar brilhantemente na lista dos nossos mais notaveis; mas aquella que forma o seu verdadeiro titulo de gloria, a que tem originalidade, encanto, magia é a que se intitula *O Bandolim de D. Juan*. As onze poesias que encerra são verdadeiros primores.

Ah! como o poeta é bem da nossa terra amena, como nos seus versos rescendem as fragancias suavissimas dos jardins olorosos de Coimbra, como n'elles resplende este luar amoroso e fagueiro, como em cada estrophe se escuta o lascivo murmurio do Mondego beijando as praias verdejantes, e o ramalhar palreiro da brisa nos sineiraes frementes. É em noites de estio suaves e luminosas que o *bandolim de D. Juan* vibra, tão primorosamente afinado e desferido pelo poeta portuguez; é n'essas horas magicas e de voluptuosidade infinita em que já vem proxima a aurora, em que as estrellas desmaiam morbidas mas ainda scintillantes no azul vagamente esclarejado do firmamento, em que a noite quasi expirante parece requebrar-se toda nos últimos suspiros da aragem tepida, nas ultimas notas do rouxinol fatigado, nas derradeiras fragancias da violeta orvalhada, em que um vago somno transparente nos cerra a meio as palpebras, em que a voluptuosidade é mais doce, em que a mulher amada é mais pallida e mais bella, em que a lua parece tambem adormecer no seio do lago cristallino, como a Diana do paganismo no seio de Endymião, é n'essa hora indefinida dos gosos supremos, dos beijos mais prolongados, que se ouve esse bandolim tão andaluz e tão portuguez requebrarse, acordar vago e melodioso, e suspirar estas estrophes que parecem, n'esse metro tanto de embalar a mulher amada que sorrindo-nos adormece no seio, desfallecer tambem de languidez lasciva.

Archanjos dormentes, ó pallidas moças,
Erguei-vos do leito que eu vou descantar;
As trovas que solto são minhas, são vossas!
Ouvi nossas trovas d'amor, ao luar.

.....
Cantae, raparigas, trazei as violas,
Passae-lhes nas cordas os dedos gentis.
O' lirios da noite, dobrae as corollas
Aos beijos da Lua, mimosas huris.

.....
O vento não geme, nem brisa volteia;
Profundo silencio, que noite d'amor!
Saltae delirantes, na alegre corèa,
Dobrae vossas hastes, roseiras em flor.

Um dia em que as auras beijavam as cordas,
Tremetes, queixosas do meu bandolim,
Vê lá, Magdalena, se bem te recordas,
Sorraste, pousando teus olhos em mim.

E as auras frementes em trepido adejo,
Qual bando de fadas suspensas no ar,
Correndo ligeiras roubaram-te um beijo...
Oh! noites formosas d'argenteo luar!

.....
O' filhas da noite, tal sou como o vento,
Que passa e desfolha nos prados a flor;

As notas que saltam do alegre instrumento
São como os desejos que matam d'amor.

Dança, anjos lindos, trememente suspiro
Na dança ligeira se escute a gemer.
Dizei nas violas que eu morro e deliro
Nas ancias do peito, que eu vejo accender.

É este verdadeiramente o bandolim andaluz, ou antes a guitarra portugueza, em cujas cordas, desferidas pelos dedos dos trovadores populares, vibram igualmente modilhos suavissimos, é a guitarra enamorada que suspira ao luar de Coimbra, entre as olaias em flor, e os roseirões fragrantés; e todas as poesias do *Bandolim de D. Juan* são harpejos magníficos arrancados ás cordas do instrumento nacional e popular. E tanto isto é assim, tanto o sr. Simões Dias fraternisa com os guitarristas inspirados, a quem não sei que fada ignota segreda os mais doces mysterios da poesia, que nenhum poeta sabe como elle afinar os seus versos pelo tom das trovas singelas, mas tão cheias de verdadeira inspiração que a musa do povo em Portugal descanta. Não quero para isso outro exemplo que não seja uma poesia do sr. Simões Dias, intitulada *A tua roca*.

Quando te vejo á noitinha
N'essa cadeira sentada,
O chaile posto nos hombros,
Na cinta a roca enfeitada,

Os olhos postos na estriga,
Volvendo o fuço nos dedos,
Os labios contando ao fio
De tua boca os segredos;

Eu digo sempre baixinho,
Olhando p'r'a a tua roca:
Quem me dera ser estriga
P'ra beijar aquella boca!

.....
Eu por mim não sei que sinto,
Se tristeza, se ventura,
Mal que suspendes a roca
Na tua breve cintura.

Penso que fias nos dedos
Os dias da minha vida
Ao pé de ti, sempre curta,
Ao longe sempre comprida!

.....
O' filha quando acabares
De espiar a tua estriga,
E sentires por alta noite
Em voz baixa uma cantiga,

Sou eu que estou a lembrar-me
Dos beijos de tua boca,
E penso que em mim são dados
Os beijos que dás na roca!

Não é esta exactamente a afinação das trovas populares, tão voluptuosas, tão scismadoras, e tão cheias de imagens atrevidas e originaes? Ainda n'esse mesmo *Bandolim de D. Juan* outras poesias se encontram repassadas de igual encanto e mimo, taes como: *A lavadeira*, *O teu lenço* etc.

Um dos predicados mais notaveis do sr. Simões Dias é a originalidade; desdenha as veredas re-

pisadas, e na vasta floresta da poesia abre para si um caminho novo; mas ha um escolho em que esse dote muitas vezes naufraga, e tal escolho não o evita sempre o distincto poeta de Coimbra; quando a inspiração lhe fallece, persiste em procurar a originalidade; ora se aquelle guia luminoso o desampara, corre perigo de naufragio, porque junto da originalidade está a extravagancia... tão perto, tão perto como o sublime do ridiculo, como do Capitolio a rocha Tarpeia. A musa do sr. Simões Dias, caminhando ás vezes audaciosamente nas trevas, despenha-se do penedo fatal; é o que lhe acontece em alguns dos seus poemas lyricos, em algumas das suas poesias da *Harpa eolia*, mas muito principalmente na introdução do livro que se intitula *Escuta. A Lyra de augustia*, ainda que não possa competir com o *Bandolim de D. Juan*, encerra poesias muito notaveis, entre as quaes devemos contar a *Lachrymæ rerum*, em cujos magníficos tercetos rescendem as mais perfumadas flores da corôa funeraria da musa elegiaca.

Para que se não diga que aponto só as bellezas do livro, notarei na introdução os seguintes versos que parece impossivel terem saído da pena mimosa do sr. Simões Dias.

O' Biblia do amor, só tu me ensinas
O que eu dos outros livros não sabia.
.....
E' que tu és a historia encadernada
Na pel' de cada homem. As tuas letras
São vermelhas da cor do nosso sangue;
Por isso, ó Biblia santa, se em ti leio,
No arco das tuas virgulas suspensas
(Pois n'ella as proprias virgulas são poemas)
Minha alma vai pairando n'outros mundos,
Paraizos de amor sempre sonhados,
Eldorado infantil d'um sonho lindo.

Isto é, devemos confessal-o, o suprasummo do requintado nas imagens; invejar-lhe-hia os versos entre os portuguezes do seculo XVII fr. Jeronymo Vahia, entre os francezes Théophile, e entre os nossos modernos o sr. Anthero do Quental cujas locubrações poeticas parecem ter inspirado ao sr. Simões Dias aquelle trecho, tanto em desharmónia com as suas inspirações habituaes.

(Continúa)

M. PINHEIRO CHAGAS.

UMAS REFLEXÕES MORAES

Segue o teu caminho. Não volvas olhos saudosos para traz. Fita ousado e atrevido o futuro, rasga o véo do desconhecido, desvenda os mysterios do tempo, mede com olhar investigador as profundezas do espaço. Não hesites, não tremas, não recues. Se o abysmo se te rasga aos pés, salva-o animoso, e zomba da vertigem. Se a montanha alevanta a crista enorme e oppõe-se, muda e silenciosa, ao teu caminhar, trepa por ella acima, ensanguenta as mãos e o rosto, deixa a carne aos pedaços nas sarças emmaranhadas, roja-te como um reptil, alça o vôo como a aguia, salta como a corça, ri-te emfim do obstaculo inerte e bronco e prosegue sempre, sempre, peregrino infatigavel, romceiro do trabalho, nuncio

de luzes novas, mensageiro do progresso, sentinella perdida da civilisação.

As dores, supporta-as com resignação christã, que mais vale do que o estoicismo ignaro dos pagãos.

As vaias e zombarias, ás settas ervadas, aos golpes e ferimentos, a todos os insultos, que de industria ou por inveja te enviam os contemporaneos, oppõe a fé, que alenta, a fé, esse clarão eterno e mysterioso, que allumia as escuridões das almas fortes, esse lampejar de um raio divino, que como a columna de fogo, ou como a estrella brilhante, mostra o caminho ao viajero, que se vae impellido por vontade suprema, a cumprir uma grande missão.

Abraça-te á fé, busca e encontrarás n'ella todas as consolações, o balsamo santo, que sara as feridas, o suave licor, que te conforta e mata sede, o alimento sadio e sobrio, que duplica as forças.

É a fé uma ancora de salvação no mar tormentoso da vida. O orvalho da madrugada, que refresca as pétalas mimosas e quasi murchas da flor, a brisa do mar, carregada de salsas fragranças, que por noite de estio entra nos pulmões e dá-lhe refrigerio e vida nova; o osculo nos labios quasi cerrados pela morte da mãe, que de repente avista o filho longos annos ausente; o apoio, que a creança de cabellos louros e olhar angelico offerece ao ancião tardo, acurvado, cambaleante pelos annos, tudo isto é a fé, e mais ainda, o infinito de alentos e confortos, porque a Providencia é a mãe carinhosa e terna a acalentar no seio extremo e potente os seus filhos queridos, que gemem e choram feridos pelo latego impiedoso dos desenganos.

A recompensa do vosso labor ó desinteressados e sublimes obreiros, não a espereis do presente.

O presente é a lucta, é o amphitheatro romano atulhado da populaça sanguinaria e curiosa, que se inebria quando as bestas feras vos rasgam as entranhas.

O presente é quasi sempre a miseria e a pobreza seguidas do esqualido cortejo de todos os soffrimentos e agruras.

O presente é o punhal dos invejosos, que vos fere nas trevas; é a baba nojenta dos maledicentes, é o motejo, o escarneo, a satyra envenenada, a irrisão, a corôa de espinhos, a esponja cheia de fel, o supplicio affrontoso no calvario, a ingratição, a ira das multidões, a lama, que vos lançam á cara, a gargalhada cynica, com que respondem ás vossas palavras, o grito de desprezo e maldição com que a populaça vos renega, a ironia aguçada pelo rancor, o epigramma, que vos penetra, como um aculeo acre, o epitheto de réprobo e maldicto, a palavra «infame» gravada indelevelmente na fronte, a calumnia que vos enreda em milhões de liames inextricaveis, tolhe-vos todos os movimentos, lança-vos no torpor e atonia, suga-vos todo o sangue, e lança-vos em terra, exausto de forças, até que mão ignota e caridosa venha furtar o vosso corpo ao insulto da multidão.

Appellae para o futuro se quereis ter forças com que resistir aos inimigos. No futuro, n'esse tribunal aonde se não ergue o clamor da inveja, alcançareis enfim justiça.

O futuro hade recompensar-vos, hade lavar

com a agua lustral da verdade, todos os crimes que vos imputaram em vida.

A virtude ingenita, que vos dá folego, animo e consolo. Buscae-a na fé e no porvir, na propria consciencia e na consciencia dos vindouros, na voz que falla do intimo, e na sentença que a posteridade tem de proferir.

Um dos grandes talentos da antiguidade, o poeta do bom senso, disse:

Virtutem incolumem odinus,
Sublatam ex oculis quearimus invidi.

Rasão tinha o velho Horacio, quando escrevia estes dois versos, que formam uma sentença de allissima sabedoria e admiravel observação dos vicios e fraquezas do coração humano.

O vulgo não póde supportar a superioridade d'aquelles, a quem Deus mediu por outra craveira. A sombra projectada pelos gigantes enche de odio e rancor os anões, que debalde se alevantam em altos pedestaes para hombrear com o genio.

A fabula da rãa, com que Esopo castigou os que lhe andavam abespinhando e mordendo o talento, é uma verdade eterna, que demonstra a pequenez e a ruim inveja da turba ignara dos falsos sabios.

Quando alguem, pelos meritos naturaes, perseverança, e aturado esforço, se ergue acima dos contemporaneos, tenha por certo que a gloria futura hade compral-a á custa do socego, paz e tranquillidade da vida. Quanto mais se elevar mais duro será o tormento, mais incansaveis os inimigos. A calumnia, esse monstro de mil bocas e mil braços, atira ao mundo avido de escandalos, as maiores infamias e pravidades; não haverá mastim que não ladre injurias, e todos se cruzarão para vilipendiar e annullar o grande homem, que os assombra.

Sim! Horacio tem rasão.

O homem odeia a virtude que lhe está sobranceira e aborrece do intimo, as qualidades que não possui, e são a gloria de outro.

Aos inimigos succedem se os interesseiros e egoistas, que comem dos defeitos e preoccupações do vulgo, que é divina missão das altas intelligencias extirpar e desfazer.

Depois os inertes e commødistas, que mordem enraivecidos e furibundos naquelles, que intentam arrancal-os do repouso torpe e do intractavel egoismo.

Se compulsarmos a historia, raros são os grandes homens, que mereçam este epitheto, que em vida tiveram a recompensa das suas brilhantes qualidades.

Socrates, obrigado a tomar a cicuta, por ensinar á mocidade os preceitos da moral publica, e zombar da falsa sciencia dos sophistas, é um exemplo terrivel, do que póde a inveja e o rancor das mediocridades.

Os maiores homens da Grecia antiga são votados ao ostracismo, porque assombram, com o seu renome, o animo mesquinho do povo.

Em Roma são votados ás feras os que annunciam a verdade, e ainda hoje, no Oriente, desgraçado do que pensar livremente e contra o sentir geral.

Em épocas posteriores, as republicas da Italia e o despotismo sombrio dos reis e barões feu-

daes applicavam o supplicio aos que se atreviam a clamar contra a corrupção, ou assentar um grande principio.

Galileu deveu a vida á protecção esclarecida de um pontífice.

Miguel Angelo vingá-se dos seus detractores no grandioso quadro do *juizo final*, e Salvator Rosa pinta a admiravel tela da *Fortuna*, em que mostra os caprichos e desacertos da sorte, que recompensa os máus e ignorantes e enjeita os sabios, os bons e os prestimosos.

O escriptor que relatasse todos os tormentos e supplicios dos apóstolos da verdade, faria uma epopéa elegiaca, em que se mostrariam em toda a sua hediondez, as baixas ignobeis e paixões dos homens.

Desde a paixão de Christo até ao ignorado e esquecido soffrimento do pobre mestre da infancia; desde Pythagoras, que impunha silencio aos seus discipulos para os salvar da morte, até Kepler, que quasi morreu de fome por ter proclamado a verdade, desde Socrates até Savonarola,

desde Homero e Pindaro até Camões, Tasso e Milton, que de miserias e affrontas! Que de nomes no metyrológio do genio!

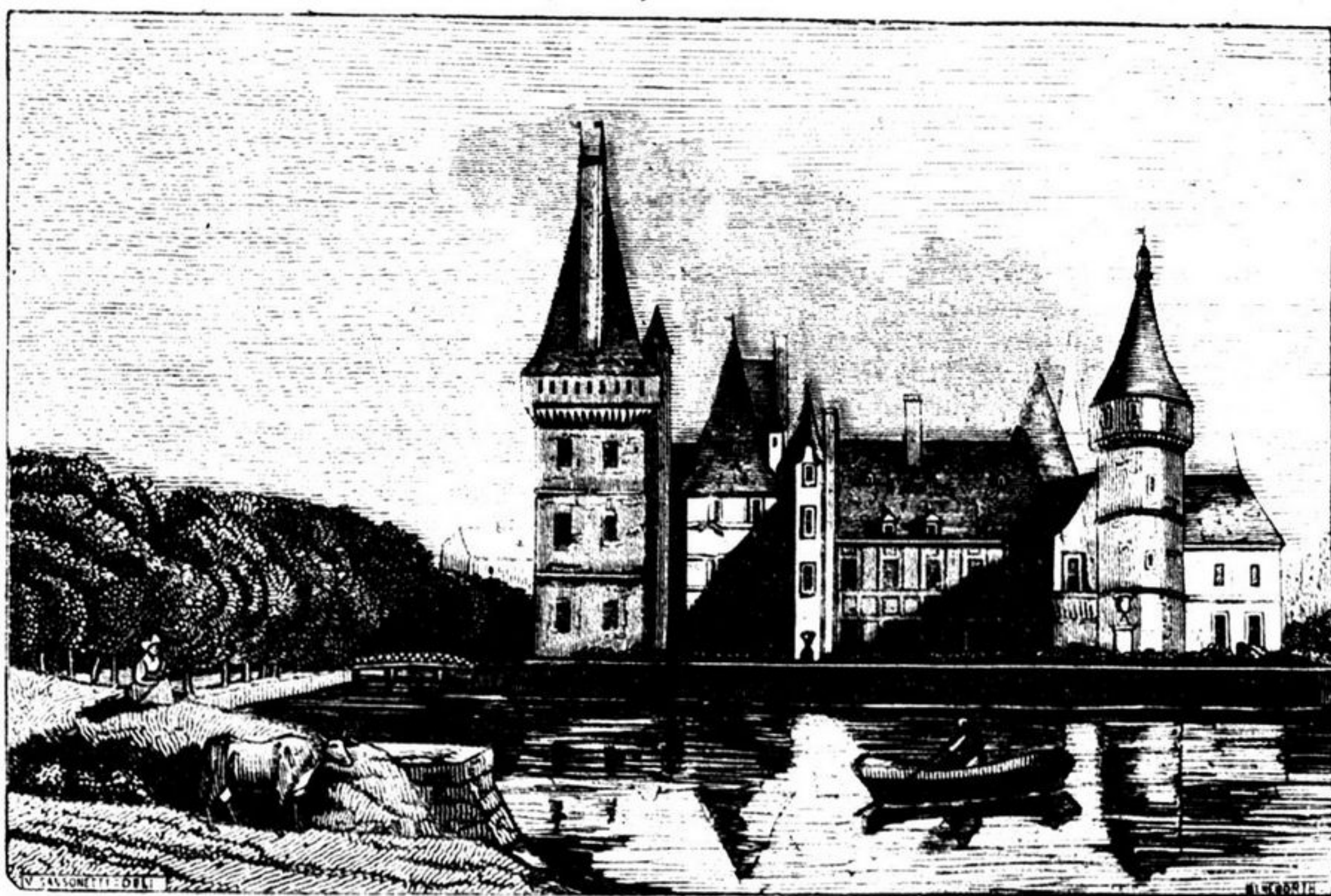
Por isso, vêde como muitos e grandissimos talentos cortejam os potentados e pöderosos, para evitarem a fome e as perseguições! Elles, que nasceram planetas, fazem-se humildes-satellites, e a lisonja e a louvaminha é o triste apanagio da sua vida.

Racine morre de tristeza no meio do ascetismo, porque Luiz XIV lhe enjeita a cortezania, e os encyclopedistas do seculo passado com andarem apregoando os direitos sagrados do homem, bajulam reis e imperadores.

Voltaire é o Erasmo do seculo XVIII. A posteridade respeita-lhe o talento e despreza-lhe o character.

Para conquistar a admiração eterna dos vindouros é mais necessaria a virtude do que o genio, a virtude que dá alentos e forças para a lucta, e á gloria conduz e ao martyrio pela verdade.

A. OSORIO DE VASCONCELLOS.



Castello de Maintenon

À vista da gravura vê-se logo que o aspecto do castello de Maintenon attesta a sua antiguidade. As torres gothicas, as muralhas bastante grossas cercadas de fossos, a irregularidade da construcção, a apparencia de vetustez que tem as próprias pedras, apresentam a imagem das velhas residencias, cuja vista traz logo á idéa a historia e o character dos seus antigos senhores. É com pesar que se vê desaparecer cada dia do nosso solo essas antigas moradas, fragmentos vivos dos tempos passados, que agradam á imaginação pelos costumes e tradições, as saudades que ellas recordam e que deviam ser-nos charas como preciosos monumentos de familia.

Não pôde dizer-se precisamente em que época foi construido o corpo principal do castello de

Maintenon, que é a parte mais antiga, e á qual tem successivamente juntado muitas construcções, como o indica a differença de estylo que se lhe nota, construcções que nem lhe modificaram o antigo aspecto, nem lhe fizeram perder o seu verdadeiro character. Na sua origem foi construido de fôrma quadrada, como todos os castellos edificados n'aquelles tempos, proprios para defeza. Cercado de fossos e armado nos angulos com quatro torres com as suas ameias, era fechado pelo lado do meio-dia por uma forte muralha. Toda a asa que se vê á esquerda entrando no primeiro pateo, e que une uma igreja visinha ao corpo principal do castello, é a parte mais moderna, e foi mandada edificar por Luiz XIV. Madame de Maintenon fez reedificar tam-

bem a asa do lado de Oeste, que está á direita, entrando no segundo pátio, para ali fazer o seu domicilio.

O castello de Maintenon, depois de ter passado por muitas mãos, mediante a somma de 250:000 libras, passou ao poder de Francisca d'Aubigné, que foi depois marquezia de Maintenon.

Estão ligadas á historia d'este castello muitas circumstancias; mas, não tendo estas relação com o fim que nos propozemos, terminamos esta succinta descripção do castello de Maintenon, que é representado pela nossa gravura.

O GENIO POETICO DE CAMÕES REVELADO NAS PRODUCCÕES ESTRANHAS AOS «LUSIADAS»

Epistolas.

O critico francez, do qual havemos apontado o juizo nos artigos antecedentes, Simonde de Sismondi, não deu grande attenção ás *Epistolas* de Camões, mencionando apenas de passagem a primeira, sem a designar como tal, mas sim de baixo do titulo de *Oitavas*.

Com referencia ás *oitavas* que o nosso poeta endereçou a D. Antonio de Noronha sobre o desconcerto do mundo, diz Sismondi que esses versos, e os intitulados — *Disparates na India*, são as unicas producções que Luiz de Camões deixou no genero satyrico.

N'este particular, foi Sismondi transviado pela classificação que os editores das obras de Camões tinham adoptado até á época em que o mesmo Sismondi fazia as suas prelecções em Genebra. E com effeito, haviam esses editores comprehendido na classificação vaga de *Estanças* algumas producções em *oitavas*, talvez porque entendiam, como atitadamente observa Costa e Silva, que não podia haver epistolas senão em *tercetos*, porque em *tercetos* são escriptas as de Ferreira, Bernardes, Caminha, e Fr. Agostinho. Não se lembraram, porém, de que uma das epistolas de Ferreira é escripta em verso solto (é a 1.^a, que assim começa: *Grã Rey, Senhor das Casas do Sol ambas*), e quasi todas as de Sá de Miranda, e algumas de Caminha em coplas octosylabas.

Seja como fór, é certo que as composições de Camões modernamente qualificadas de *Epistolas* — são verdadeiras epistolas poeticas, dignas de tal nome, e merecedoras de gabos. Maiormente está n'este caso aquella de que vamos apresentar alguns excerptos.

É positivamente esta composição uma epistola moral e philosophica sobre as erradas opiniões dos homens, e sobre a falsa idéa que formam da felicidade! Começa assim:

Quem póde ser no mundo tão quieto,
Ou quem terá tão livre o pensamento,
Quem tão experimentado, ou tão discreto,
Tão fóra, enfim de humano entendimento,
Que ou com publico effeito, ou com secreto,
Lhe não revolva e espante o sentimento,
Deixando-lhe o juizo quasi incerto,
Ver e notar do mundo o desconcerto?

Quem ha que veja aquelle, que vivia
De latrocinios, mortes e adulterios,
Que ao juizo das gentes merecia
Perpetua pena, immensos vituperios,
Se a fortuna em contrario o leva e guia,
Mostrando, enfim, que tudo são mysterios,
Em alteza d'estados triumphante,
Que por livre que seja não s'espante?

Quem ha que veja aquelle, que tão clara
Teve a vida, quem tudo por perfeito
O proprio Momo ás gentes o julgára,
Inda quando lhe visse aberto o peito,
Se a má Fortuna, ao bom sómente avara,
O reprime, e lhe nega o seu direito,
Que lhe não fique o peito congelado,
Por mais e mais que seja experimentado?

Assim formulava o nosso poeta o eterno e doloroso problema dos triumphos que os perversos alcançam no mundo, ao passo que os bons gemem na miseria, ou são perseguidos, ou quasi sempre vivem desgraçados!

Embora citem o exemplo de Socrates, a quem *nenhum grande caso mudava o vulto*, nem por isso deixa o poeta de se espantar de que o Céu, *das gentes tão amigo*, consinta que por tanto tempo dure esse despotismo da Fortuna:

Parece a razão boa; mas eu digo
Deste uso da Fortuna tão damnado
Que quanto he mais usado e mais antigo,
Tanto he mais estranhado e blasphemado.
Porque, se o Céu, das gentes tão amigo,
Não dá á Fortuna tempo limitado,
Não he para causar mui grande espanto,
Que mal tão mal olhado dure tanto?

Passa o poeta a outro genero de ponderações, e ainda mais se enleia e espanta de ver que os homens não acabam de convencer-se do quanto são precarios, pouco duradouros, e sensivelmente futeis os gosos da ambição, da gloria, e das chamadas grandezas do mundo. N'este lance é Camões altamente philosophico, e nos offerece bellos rasgos de pensamento, exprimidos em linguagem verdadeiramente poetica:

Deixo agora Reis grandes, cujo estudo
He faltar esta sêde cubiçosa
De querer dominar e mandar tudo,
Com fama larga e pompa sumptuosa.
Deixo aquelles que tomão por escudo
De seus vicios e vida vergonhosa
A nobreza de seus antecessores,
E não cuidão de si que são peores.
Deixo outras obras vãs do vulgo errado,
A quem não ha ninguem que contradiga,
Nem de outra cousa alguma he governado,
Que d'uma opinião e usança antiga.
Mas pergunto ora a Cesar esforçado,
Ora a Platão divino que me diga,
Este das muitas terras em que andou,
Aquelle de vencê-las, que alcançou?

Este apellar para dois grandes homens da antiguidade, um, de singular renome nos dominios da philosophia, — outro, illustre nos fastos politicos do povo romano, — revela em Camões uma tendencia notavel para as apreciações sublimes, e uma disposição feliz para applicar a poesia a assumptos elevados, a que ella não estava acostumada por aquelles tempos.

Ouçamos o que dizem ao poeta os dois grandes homens da antiguidade, e o que elle lhes replica:

Cesar dirá: Sou digno de memoria:
Vencendo povos varios e esforçados,
Fui Monarcha do mundo; e larga historia
Ficará de meus feitos sublimados.
He verdade: mas esse mundo e gloria,
Lograste-o muito tempo? Os conjurados
Bruto e Cassio dirão que, se venceste,
Enfim, enfim, ás mãos dos teus morreste.

Dirá Platão: Por ver o Etna e o Nilo
Fui a Sicilia, Egypto e outras partes,
Só por vêr e escrever em alto estylo
Da natural sciencia e muitas artes.
O tempo he breve, e queres consumil-o,
Platão, todo em trabalhos? e repartes
Tão mal de teu estudo as breves horas,
Que, emfim, do falso Phebo o filho adoras?

Mas o nosso Camões, cultor de outra philo-
sophia, desenganado do mundo, dando de mão a
ambições de variado genero, sómente acha sa-
bor na quietação e remanso, na vida dos cam-
pos, no tracto pastoril:

Quem tão baixa tivesse a phantasia,
Que nunca em mores cousas as metesse,
Qu'em só levar seu gado á fonte fria,
E mungir-lhe do leite que bebesse,
Quão bem aventurado que seria!
Que por mais que a Fortuna revolvesse,
Nunca em si sentiria maior pena,
Que pezar-lhe de a vida ser pequena.
Veria erguer do sol a rôxa face,
Veria correr sempre a clara fonte,
Sem imaginar a agua donde nasce,
Nem quem a luz occulta no Horisonte.
Tangendo a frauta donde o gado paze,
Conheceria as hervas do alto monte,
Em Deos creria simples e quieto,
Sem mais especular algum secreto.

Encantados são os teus versos, immortal Ca-
mões! Mas, a suave e branda philosophia que
nos prégas, se muito a sério a tomassemos, seria
a aniquilação da vida intellectual dos povos, e o
transtorno da existencia social da humanidade.

Alevanta-te da campa, e vem ver que tambem
é poetica, ainda na sua realidade afanosa, a lida
em que andam os homens de hoje de explorar
todos os dominios da criação, de descobrir to-
das as forças da natureza, ou já para alargarem
a esphera da intelligencia, ou já para augmen-
tarem as commodidades e os gosos das creatu-
ras, a quem Deus entregou a terra.

Perscrutando as leis da natureza e os elemen-
tos de poder no seio da criação; aproveitando o
complexo de observações e experiências dos se-
culos que se não succedido, conseguiu o homem
a navegação a vapor, os caminhos de ferro, os
telegraphos electricos, a photographia, engenho-
sos mil instrumentos e machinas.

Mas... deixemos estas considerações, e vejâmos
como na mesma Epistola narra Camões, de um
modo verdadeiramente poetico, a historia do dou-
do do Porto Pireu, imitando com a maior felici-
dade o lyrico romano:

D'hum certo Trasilao se lê e escreve
Entre as cousas da velha antiguidade;
Que perdido grão tempo o siso teve
Por causa d'huma grave enfermidade;
E em quanto, de si fóra, doudo esteve,
Tinha por teima, e cria por verdade,
Qu'erão suas, das náos que navegavão,
Quantas no porto Píreo ancoravão.

Um irmão de Trasilão entrega o doudo aos
cuidados da medicina, e logra restituir o siso ao
que era tão feliz na sua loucura. A boa vontade
era de agradecer; não assim o resultado:

Oh inimigo irmão, com côr de amigo!
Para que me tiraste (suspirava)

Da mais quieta vida e livre em tudo
Que nunca pôde ter nenhum siso?
Por qual senhor algum eu me trocára,
Ou por qual algum Rei de mais grandeza?
Que me dava que o mundo se acabára,
Ou que a ordem mudasse a natureza?
Agora me he penosa a vida clara:
Sei que cousa he trabalho, e qu'he tristeza,
Torna-me a meu estado; qu'eu te aviso
Que na doudice só consiste o siso.

— Muito e muito mais tivéra que dizer ácer-
ca d'esta Epistola, e das restantes de Camões;
mas tendo ainda que fallar de outros generos
das suas composições, o que farei em outros ar-
tigos, devo limitar-me aqui a observar que tam-
bem nas Epistolas merece Camões muitos gabos.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

QUESTÕES SYNONYMICAS

Opinião de varios auctores sobre a terminação —ura

Os substantivos d'esta terminação exprimem
menos vezes a acção propriamente dita, que o
resultado da acção; é por isso que alguns gram-
maticos lhes deram o nome de resultativos. *Junc-
ção* é a acção de unir, de junctar; *junctura* a
coisa resultante d'esta acção, o juncto, e até o
logar onde as cousas se junctam. *Escriptura* não
é, como *escripturação*, a maneira de escrever, ou
o estylo; tambem não se entende a expressão, a
maneira de revestir os pensamentos, mas as pro-
prias cousas, o conteúdo; não a forma, mas a
materia, o mesmo objecto. «*Non dubito fore ple-
rosque, Athice, qui hoc genus scripturæ leve et non
satis dignum summorum virorum personis judicent.*»
(1) Não duvido, ó Athico, que a maior parte dos
leitores ache este genero de escriptura frivolo e
pouco digno dos personagens importantes, cuja
vida escrevo.

A terminação *ura* marca ora o resultado de
uma só acção: *conjectura*, *captura*, etc.; ora, e
mais ordinariamente, um conjuncto, um todo
formado da reunião de muitas cousas do mesmo
genero: tal é a palavra *escriptura* de que acabá-
mos de fallar: união de cousas escriptas, isto é,
biographias dos grandes capitães — *hoc genus scri-
pturæ*. *Armadura*, reunião de armas, de homens
armados formando um todo, corpo de tropas.
Figura, isto é, união e resultado das feições do
corpo.

Outras vezes, a terminação *ura* exprime um
conjuncto de acções ou operações que constituem
uma arte ou industria, e então a palavra termi-
nada em *ura* designa ora a propria arte: *agri-
cultura*; ora a arte ou o seu producto: *pintura*,
arte, ou o painel, producto da pintura.

Os nomes terminados em *ure*, terminação que
corresponde exactamente á desinencia *ura* portu-
guesa, por isso mesmo que tambem a lingua
franceza deriva da latina, mostram a cousa, diz
M. Lafaye, como sendo o effeito, o producto, o
resultado de uma acção marcada pela radical
do verbo, e como tendo por consequencia d'esta
acção qualidades extrinsecas e independentes de
sua natureza, uma forma, uma maneira de ser,
uma disposição, um arranjo, um modo, que
'nella accrescem e ali são postas por um agente
ou por um auctor.

(1) Cornel. Nep., Præf. init.

A terminação *ure*, diz ainda M. Rouband, designa tão bem um resultado, que muitas vezes serve de exprimir um conjuncto, um todo formado da reunião, do complexo de muitas coisas do mesmo genero, como *mature*, *ferrure*, *parure*, *figure*, etc.

Admittida a doutrina que deixamos expendida não será muito difficil sustentar, contra a opinião dos srs. J. I. Roquette e José da Fonseca, enunciada no seu *Diccionario de Synonymos*, art. 134.º que o nosso immortal epico empregou com muita propriedade o termo *postura* naquella sublime descripção do gigante Adamastor, quando diz:

O rosto carregado, a barba esqualida,
Os olhos encovados, e a *postura*
Medonha e má.....
Lus., cant. V, est. 39.

E nas *Rimas*, Ode 10.
O gesto bem talhado,
O airoso meneio e a *postura*.

O mesmo censuram aquelles distinctos philologos a Mousinho no *Affonso Africano*, canto VIII:

Os olhos poz no campo, e divisava
Um mouro na *postura* e segurança.

Onde, no seu conceito, melhor cabia a palavra *attitude*, que dizem não fôra empregada, por não ser conhecida d'aquelles classicos a differença que hoje se faz entre as duas palavras.

Assim o sr. Eduardo de Faria, copiando o parecer d'aquelles lexicographos, bem claro mostra ser da sua opinião; nós, porém, duvidamos que tão celebres cultores dos mysterios da lingua lusitana ignorassem a significação primordial, correspondente a desinencias iguaes, ou formadas pela analogia, que manifestamente se nota entre os termos da lingua portugueza e latina.

ANTONIO MARIA D'ALMEIDA NETTO.

HEROISMO INDIANO

Um *raja*, ou senhor indio, tendo que apresentar-se perante o tribunal inglez para se justificar de um crime, foi acompanhado pelos parentes e amigos, todos armados como elle, de um grande punhal. Chegado á presença dos juizes, não consentio que o desarmassem; e sendo novamente intimado, pronunciando-se-lhes na physionomia a colera e o desdem, exclamou: «Com que direito me fazeis comparecer na presença de estranhos? Perdi porventura todas as prerogativas devidas ao meu nascimento e á gerarchia da minha familia n'esta provincia? O vosso governo despojou-me do poder, das dignidades e dos bens, e apenas me concedeu a liberdade de trazer armas, e d'essa mesma me querem agora privar! Não posso sobreviver a similhante affronta: quero antes morrer do que ser deshonorado.» E em seguida cravando um punhal no coração, expirou aos pés do juiz. Os amigos, que tinham ouvido o seu discurso, seguiram o seu exemplo e caíram mortos junto d'elle; dando uma prova de dedicação e de grandeza que encheu os inglezes de terror e de admiração.

De que feitos não seriam aquelles homens capazes para libertar o seu paiz, se a mais abjecta

superstição lhes não abafasse n'alma os germens de tão nobres qualidades!

Ter nome de prégador, ou ser prégador de nome, não importa nada; as acções, a vida, o exemplo, as obras são as que convertem o mundo. O melhor conceito que o prégador leva ao pulpito, é o conceito que da sua vida tem os ouvintes. Se os ouvintes ouvem uma cousa, e vem outra como se-hão de converter? Jacob punha as varas manchadas diante das ovelhas quando concebiam; e d'aqui procedia, que os cordeiros nasciam manchados. Se quando os ouvintes percebem os nossos conceitos, tem diante dos olhos as nossas manchas, como hão de conceber virtudes? Se a vida do prégador é apologia contra a sua doutrina, se as suas palavras vão refutadas nas suas obras, como hão de fazer fructo?

P. ANTONIO VIEIRA.

Aquelle que desprovido da caridade, imagina ser esclarecido, não sabe nada. S. PAULO.

LIVRARIA NACIONAL

No prelo para sair no proximo mez de junho:

POESIAS E PROSAS INEDITAS de Fernão Rodrigues Lopo Soropita, com um extenso prefacio e notas pelo sr. C. Castello-Branco.

Soropita, primeiro editor das poesias lyricas de Luiz de Camões, em 1595, revelou, no prefacio das mesmas poesias, um escriptor distincto e um admiravel critico em relação á sua época. Nada mais se conhecia de Fernão Rodrigues, além de uma Informação de Direito, hoje rarissima, publicada em 1597.

Diogo Barbosa Machado, na *Bibliotheca Lusitana*, menciona os titulos, mais ou menos alterados, dos escriptos ineditos do contemporaneo e por ventura amigo de Luiz de Camões. Perdidas se consideravam estas preciosidades litterarias do fim do seculo XVI, quando o sr. Camillo Castello Branco teve a fortuna de encontral-as n'um acervo de manuscritos subtraídos em 1834 do cartorio do mosteiro beneditino de Tibaens. Confrontando o manuscrito, autographo segundo parece, com as indicações de Barbosa, confirma-se o juizo que o doutissimo D. Fr. Francisco de S. Luiz formou dos mesmos ineditos, attribuindo-os a Fernão Roiz Lopo Soropita. Esta publicação, amplamente prefaciada e annotada pelo sr. Camillo Castello Branco, é uma inesperada aquisição com que os sabios e estudiosos devem augmentar a formosa collecção dos poetas e prosadores do ultimo quartel do seculo XVI. Estará publicado por todo o mez de junho do corrente anno.

O antigo editor do **Panorama**, desejando proporcionar aos actuaes srs. assignantes, e mesmo a quaesquer outras pessoas que o não sejam, a maneira de poderem possuir, sem grande sacrificio a collecção completa deste interessante jornal, que conta hoje **15 volumes** publicados, deliberou, para esse fim, abrir nova assignatura, não alterando o preço que teve a antiga, sem o custo de cada volume broxado £200 réis, e encadernado 1600 réis. Isto unicamente para aquelles que se inscreverem como assignantes. As pessoas que assignarem para esta obra receberão um ou mais volumes cada mez, conforme melhor lhes convier, sendo o importe dos mesmos pago no acto da entrega. E as que tenham a collecção do **Panorama** incompleta, podem da mesma forma assignar para os volumes que lhes faltarem, bem como para qualquer numero que lhes faltar.

As assignaturas fazem-se nos seguintes locais:
Rua Aurea n.º 132 e 134; na redacção do PANORAMA, rua do Thesouro Velho n.º 6; e em todas as inais livrarias.

De quaesquer outras terras do reino podem dirigir-se, em carta franca, com o importe da assignatura em valles do correio, ao antigo editor, rua Aurea n.º 132, accresce ao preço da assignatura, o porte do correio que é de 250 para os volumes em broxura e 310 réis para os encadernados.

Em Coimbra, Porto, Braga e Vianna, em todas as mais.

Typ. Franco Portugueza — Rua do Thesouro Velho, 6.